

⓪ Sagrado e o Profano



HOMENAGEM A J. S. DA SILVA DIAS



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1986

em 1843. Não recomendo a mais recente edição deste texto, por não me parecer recomendável 0).

Os monumentos de pedra ou de bronze acabam por ser carcomidos e destruídos pelo tempo que tudo corrói e tudo faz perecer (*tempus edax rerum*). Uma edição como esta, oferecida aos que amam a literatura portuguesa e os mestres da espiritualidade do século XVI — a época áurea da civilização lusitana em toda a nossa história — representa de verdade um monumento *aere perennius*: o de uma das obras-primas da nossa literatura, de importância grandíssima, portanto, para a nossa cultura nacional».

Aquando do centenário de Fr. Heitor Pinto, proferiu o prof. Pina Martins na Covilhã uma notável comunicação. O estudo bibliográfico de todas as edições de obras está a ser preparado por Fr. Francisco Leite de Faria. É um clássico da literatura portuguesa que merece, de facto, ser melhor conhecido e estudado. O autor destas linhas tem-se preocupado com a obra exegética do antigo professor de Sagrada Escritura da Universidade de Coimbra. Também os seus comentários bíblicos são um manancial riquíssimo que urge explorar para se apreciar cabalmente o valor da obra que deixou e o impôs a quem e além fronteiras. É o que estamos a tentar há alguns anos a esta parte.

Manuel Augusto Rodrigues

Leão Hebreu (Iehudah Abrabanel), *Diálogos de Amor*. Texto fixado, anotado e traduzido por Giacinto Manuppella. Vol. I: Texto italiano, notas, documentos. Vol. II: Versão portuguesa e bibliographia. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983. 616+466 pp.

Dedicado à memória de Joaquim de Carvalho, Edward Glaser e Moses Bensabat Amzalak, foi em boa hora editada esta obra cuja falta tanto se fazia sentir. O texto é o resultado de um minucioso reconhecimento da edição «princeps» (Roma,

C¹) Fr. Heitor Pinto, *Imagem da Vida Cristã*, ed. do P.^e M. Alves Correia, 2.^a edição, 4 vols., Lisboa, 1952-1958. É de admirar que Edward Glaser tenha mencionado esta edição (p. 168 *ob. cit.*), sem nos dizer que a melhor edição moderna da *Imagem* é, de facto, a da Typographia Rollandiana, Lisboa, 1843. O ilustre investigador deve ter querido indicar ao leitor uma edição mais acessível, dado que a do século XIX é, de verdade, relativamente rara.

1535), de algumas entre as mais autorizadas edições seguintes: da edição do diálogo II por Leonardo Marso, de três códices apógrafos do diálogo III (utilizados agora pela primeira vez) e, nalguns casos, de várias traduções para línguas estrangeiras. Tudo isso tendo em consideração a edição de Santino Caramella (Bari, 1929). O que fica dito, acrescentado à amplitude das notas textuais, revela largamente o trabalho rigoroso elaborado pelo Prof. Giacinto Manuppella, a quem a cultura portuguesa tanto deve.

Não existindo autógrafo algum de Leão Hebreu, não há outra solução que não seja atribuir à primeira edição feita em Roma (1535) o valor de arquétipo. Foi o que fez o Prof. Manuppella, servindo-se, como já se disse, dos outros textos referidos nas preciosas observações textuais. O diálogo III contém, segundo o códice n.º 373 do Fundo Prof. Federico Patetta, da Biblioteca Apostólica Vaticana, um índice de argumentos. Também os códices Barberiano Latino 3743 da mesma Biblioteca e o Harleyano 5423 do British Museum foram utilizados pelo Prof. Manuppella.

Nas notas explicativas refere-se a Mariano Lenzi, Aurelio Pétrucci, Dionisio* Areopagita, S. Boaventura, Petrarca, Erasmo, Castiglione, Ficino, Camões e S. João da Cruz, apontando semelhanças entre Leão Hebreu e aqueles escritores de uma maneira clara e precisa e com uma fundamentação rigorosa, possibilitando assim compreender melhor as ideias de Abrabanel.

O vol. I termina com uma nota final sobre o texto dos *Diálogos de Amor*. Inicia-a com um estudo acerca do misterioso desaparecimento do diálogo IV, referindo-se aí a figuras célebres, como Leonardo Marso d'Avezzano; e com uma série de documentos vários, como a fuga dos Abrabanel de Portugal e sua condenação; o texto de Amato Lusitano a respeito do *De Coeli Harmonia* e a oração fúnebre de Alessandro Piccolomini aquando da morte de Amélia Pétrucci.

O vol. II apresenta a versão portuguesa dos *Diálogos de Amor*, feita de forma excelente e com um rigor merecedor dos melhores encómios. O Prof. Giacinto Manuppella com mão de mestre traduz para a nossa língua esta obra fundamental do neoplatonismo com um sentido de precisão e de fidelidade extraordinários. E o livro conclui com uma súmula bibliográfica que inclui os códices utilizados, as edições dos *Diálogos de Amor* em italiano e suas versões, os poemas hebraicos (texto, traduções e comentários), estudos bibliográficos, estudos sobre o pensamento de Leão Hebreu, «na área da filosofia de Leão de Hebreu», Marsilio Ficino, Giovanni e Gianfrancesco Pico della

Mirándole, Cabala e Astrologia), os trabalhos sobre o Amor na Itália quinhentista, o Amor em Platão e no neoplatonismo europeu, e um índice dos nomes citados na sùmula bibliogràfica.

Manuel Augusto Rodrigues

James K. Farge, *Orthodoxy and Reform in early Reformation France*. The Faculty of Theology of Paris. 1500-1543. Série: «Studies in Medieval and Reformation Thought», ed. por Heiko A. Obermann, vol. XXXII. Leiden, E. J. Brill, 1985. IX+311 p.

O Parlamento de Paris, em Agosto de 1525, ouviu do jurista Jean Bochart palavras que revelam bem o pensar do tempo acerca da Faculdade de Teologia de Paris: era considerada como uma instituição divinamente inspirada e forte de doutrina e medianeira da verdade de Deus. De facto, a Faculdade havia sido tida durante muito tempo árbitro da fé e depositária da doutrina católica. Os teólogos parisienses assumiam um papel tão notável como os concílios e sínodos, salvaguardadas evidentemente as devidas proporções. Na *Historia Universitatis Parisiensis*, de Du Boulay, vol. 6 (Paris, 1673; reed. Frankfurt-am-Main, 1969), p. 179, e na obra de Pierre Imbart de La Tour, *Les origines de la Réforme*, vol. 3 (Paris, 1914), p. 206, encontramos documentação comprovativa da importância extraordinária que a Faculdade possuía no domínio do pensamento religioso do tempo. Mas tornava-se necessário elaborar um trabalho que desenvolvesse e justificasse essa peculiaridade. O livro de Pierre-Yves Fèret, *La faculte de théologie et ses docteurs les plus célèbres. Époque moderne*, 2 vols. (Paris, 1900-1901) não respondia satisfatoriamente àquela questão. Daí o interesse que o presente estudo de James K. Farge suscita no leitor que, aliás, o segue com a melhor atenção.

As datas escolhidas como «terminus a quo» e «terminus ad quem» (1500 e 1543) encontram a sua justificação no facto de se tratar, quanto à primeira, de um ano considerado ponto de partida da existência de bastantes doutores parisienses que intervêm nas deliberações da Faculdade e, quanto à segunda, de um ano importante na história da mesma por terem aparecido então os famosos vinte e seis Artigos de Fé. O Autor exclui os anos de 1494 e de 1536 como espaço cronológico de abordagem do tema escolhido como havia sido proposto por Henri Bernard-Maître no seu estudo «Les théologastres de l'Université de Paris au temps d'Erasmus et de Rabelais (1496-1536)» publicado em *Bibliothèque d'Humanisme et Renaissance*, 27